Nasal em coda medial: influência do conhecimento fonológico na escrita infantil

Nasal in medial coda: influence of phonological awareness in children's writing

Déborah Cristina Pereira de Souza
Mestranda em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6875-4712
Lattes: http://lattes.cnpq.br/8332100144635372
E-mail: deborahcpsouza96@gmail.com

Eliete Figueira Batista da Silveira
Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Docente do Programa Graduação e Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6928-2614
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2171617984971953
E-mail: elietesilveira@hotmail.com

Resumo

Este artigo analisa a representação da nasal em coda medial, (presente em palavras como **pon**ta, a**ssun**to e pl**an**ta) na produção escrita de crianças do Ensino Fundamental. A nasal em coda envolve a discussão presente na Fonologia referente à interpretação monofonêmica ou bifonêmica da nasalidade vocálica (LEITE, 1974; CAMARA, 1953). Além disso, estudos anteriores evidenciam a não correlação entre aquisição da coda nasal medial na oralidade e sua respectiva aprendizagem na escrita (MEZZOMO, 2004; MIRANDA, 2009). Os objetivos do presente trabalho são: i) analisar as diferentes representações da nasal em coda medial na escrita de alunos do Ensino Fundamental; ii) verificar a relação da representação da nasal com a aquisição fonológica dessa estrutura silábica, e iii) seria capaz de apontar caminhos para corroborar ou não uma visão mono e/ou bifonêmica da nasalidade vocálica. Parte-se da hipótese de que o conhecimento fonológico internalizado e as regras da oralidade influenciam as etapas da escrita infantil. Estudos fonológicos de base estruturalista e gerativista sustentam a pesquisa. O *corpus* constitui-se de produções escritas de aprendizes do 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas do município do Rio de Janeiro e de Niterói. Os resultados, que evidenciam a interferência do conhecimento fonológico e da oralidade na representação da coda nasal, reabrem a discussão sobre o status da nasalidade fonológica e fornecem subsídios para a compreensão adequada dos erros de escrita.
Palavras-chave: Nasalidade. Escrita Inicial. Conhecimento Fonológico.

Abstract

*This article analyses the representation of the nasal in medial coda (presented in such words as **pon**ta, a**ssun**to, **pl**a**n**ta) in the written production of elementary school children. The nasal coda involves the discussion present in Phonology related to the monophonemic or biphonemic interpretation of vocal nasality (LEITE, 1974; CAMARA, 1953). In addition, previous studies have shown a lack of correlation between the acquisition of the medial nasal coda in orality and its respective learning in writing (MEZZOMO, 2004; MIRANDA, 2009). The aims of this paper are: i) analyze the different representations of the nasal in medial coda in the writing of elementary school students; ii) verify the relationship of the nasal representation with the phonological acquisition of this syllabic structure, and iii) discuss the phonological status of vocal nasality. It is assumed that the internalized phonological knowledge and orality rules influence the stages of children's writing. Phonological studies with a structuralist and generativist basis underpin the research. The corpus consists of written productions of apprentices from 1st to 6th grade at public schools in the cities of Rio de Janeiro and Niterói. The results, that highlight the interference of phonological awareness, orality in the representation of nasal coda, reopen the discussion on the status of phonological nasality and provide subsidies for the proper understanding of writing errors.*
Keywords: Nasality. Initial Writing. Phonological awareness.

Data de submissão: 23/04/2020 | Data de aprovação: 12/05/2020

1 Introdução: Questões Fundamentais

A vogal seguida de nasal (presente em palavras como **esperando**, **crescente**, **lindo**, **pombo**, **profundo**) apresenta comportamentos particulares. Primeiramente, encontra-se uma divergência na literatura sobre seu *status* fonológico, podendo ser entendida, basicamente, desde uma perspectiva bifonêmica (CAMARA JR, 1953; CAGLIARI, 1997) ou monofonêmica (LEITE, 1974). Em segundo lugar, parece não haver uma correlação entre as etapas de aquisição na oralidade desse segmento em posição de coda[1] silábica e sua respectiva aprendizagem na escrita, como apontam trabalhos de Mezzomo (2004), Ilha (2007) e Miranda (2009).

Assim, a partir dessas observações a respeito da nasal, o presente trabalho procura unir as discussões que ocorrem no âmbito do *status* fonológico com as mais distintas possibilidades de representação desse mesmo segmento em posição de coda medial. Busca-se, de maneira geral, compreender quais elementos presentes na consciência fonológica do aprendiz interferem em suas hipóteses sobre a escrita, reabrindo, assim, a grande discussão sobre seu caráter mono ou bifonêmico. Além disso, a análise dos dados permite compreender a regularidade dos erros de escrita, fornecendo, pois, importantes subsídios para professores do ensino fundamental I, especialmente.

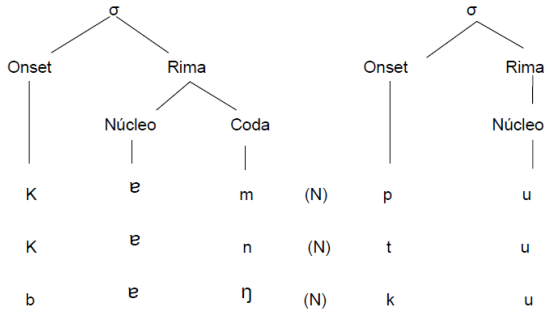
Primeiramente, cabe revisitar o que se entende por essas duas visões mencionadas. Camara Jr. ([1953] 2015) defende a interpretação bifonêmica, ou seja, na estrutura subjacente haveria dois elementos: o núcleo – composto por uma vogal – seguido por uma consoante nasal. Para o autor, tal consoante seria, em realidade, um arquifonema /N/, pois não seria especificado para o ponto de articulação, assumindo o mesmo ponto da consoante seguinte para viabilizar sua produção fonética.

> Já vimos que, além da sílaba travada por /l/, /r/ e /S/, há em português um quarto tipo de vogal travada, em virtude da interpretação que aqui se propôs para a chamada 'vogal nasal'. Segundo essa interpretação, é uma vogal travada por um elemento nasal. Trata-se de um arquifonema /N/, que se realiza como /m/ diante de consoante labial na sílaba seguinte, como /n/ diante de consoante anterior nas mesmas condições [...]. (CAMARA JR, 2015 [1953], p. 58)

Ainda no âmbito bifonêmico, Cagliari (1997) apresenta a noção da nasal flutuante. Segundo o pesquisador, a nasal em posição de coda medial **flutua**, ou seja, fica sem posição no esqueleto silábico, por conta de sua não especificação para ponto de articulação. Como saída desse elemento, há dois caminhos possíveis: sua efetiva realização ao assimilar o ponto de articulação da consoante seguinte ou uma queda da consoante nasal, espraiando seu traço nasal para a vogal antecedente. A esse último processo, Bisol (1996) chama de alongamento compensatório, podendo ser exemplificado da seguinte maneira através da palavra **campo**: kampu > kãmpu > kãpu.

[1] Margem descrente da sílaba; elemento travador silábico posto após o núcleo.

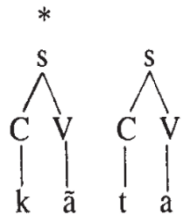
Imagem 1 - A nasal flutuante segundo Cagliari (1997)



Fonte: Cagliari, 1997, p. 42 *apud* LEAL 2018, p. 28.

Já do ponto de vista monofonêmico, como defendido por Leite (1974), na estrutura subjacente há apenas a presença de um elemento: a vogal nasal. Como exemplificado na imagem 2, o verbo canta apresenta apenas a raiz da vogal nasal na matriz fonológica, sem a presença da consoante alveolar. Dessa forma, o sistema vocálico do português teria sete vogais orais e cinco vogais nasais. Nessa perspectiva, as vogais nasais teriam valor de fonemas, pertencendo à estrutura subjacente.

Imagem 2 - Esqueleto do vocábulo "canta" a partir de uma visão monofonêmica



Fonte: Moraes e Wetzels, 1992, p. 157.

Compreendida a problemática do *status* fonológico, a nasal, como já mencionado, se comporta de maneira particular no processo de aprendizagem da escrita, modo que não é correlato ao seu processo de aquisição[2] da linguagem. A respeito disso, Mezzomo (2004) observa que a estrutura silábica com a posição de coda preenchida (CVC) é uma das últimas a ser adquirida, após a sílaba canônica CV e aquelas compostas apenas pelo núcleo (V).

Sobre os segmentos que podem ocupar posição de coda medial – róticas, fricativas, laterais e nasais –, a autora conclui que a emergência e a aquisição precoce das nasais se manifestam com 1:4 e entre 2:2 e 2:4, respectivamente. O quadro 1 abaixo apresenta todos os possíveis segmentos que podem ocupar a posição de coda, seja final ou medial, e suas idades de surgimento e aquisição. Assim, pode-se concluir que há uma maior facilidade com a qual a criança adquire a consoante nasal em coda medial em relação aos outros segmentos:

[2] A pesquisa estabelece a diferença entre aquisição da linguagem e aprendizagem da escrita. A primeira consiste em um processo natural, inato; já a segunda é um processo que exige orientação, uma vez que implica que a criança aprenda as convenções ortográficas.

Quadro 1 - Idades de surgimento e aquisição dos elementos em posição de coda

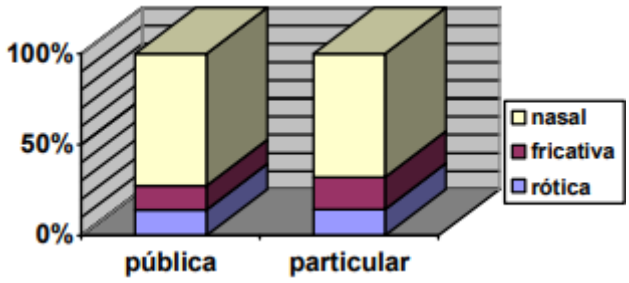
Fonemas	Surgimento	Aquisição
/n/ final	1:4	1:7
/n/ medial	1:4	2:2
/l/ final	1:2	1:4
/l/ medial	1:6	3:0
/s/ final	1:6	2:6
/s / medial	2:0	3:0
/ɾ/ final	1:11	3:10
/ɾ/ medial	2:2	3:10

Fonte: Mezzomo, 2004, p. 149.

Já com relação à escrita, a mesma facilidade não pode ser observada. Ilha (2007) analisou o preenchimento da posição de coda por todos os segmentos licenciados em português. Dessa maneira, com relação à nasal em coda medial, a autora observou o processo de não produção como uma possibilidade de representação, como na grafia **patera** para o substantivo **pantera**. Ilha (2007, p. 15) explica essa estratégia adotada pela criança, que "torna uma estrutura silábica complexa em uma menos complexa, constituída por ataque e núcleo".

O trabalho de Miranda (2009) segue investigando a posição de coda medial na escrita. Um de seus resultados mais relevantes para o andamento do presente trabalho é o predomínio de representações que fogem ao convencional no grupo das nasais. A autora constituiu seu *corpus* com dados de alunos pertencentes à escola pública e à privada, e em ambas a nasal apresentou mais problemas do que os róticos (**árvore**) e as fricativas (**pista**)[3], com um percentual de 72,6%, na pública, e 68%, na particular, como pode ser observado no gráfico abaixo. A partir desse resultado, já se conclui uma não correlação entre aquisição da linguagem e aprendizagem da escrita.

Gráfico 1 - Distribuição de erros na grafia de codas mediais



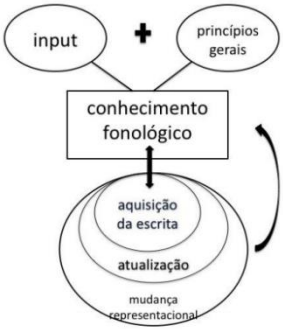
Fonte: Miranda, 2009, p. 415.

Cabe, ainda, discorrer brevemente sobre o conhecimento fonológico - também chamado de consciência fonológica -, outra questão fundamental para esta investigação. Segundo Miranda (2014), princípios gerais da gramática internalizada em contato com o *input* linguístico recebido pelo contato com a comunidade de fala produzem um conhecimento

[3] A grafia da líquida em posição de coda não foi considerada pela autora, pois "os exemplos de erros que envolvem o apagamento da lateral são encontrados em número muito reduzido." (MIRANDA, 2009, p. 415)

fonológico sobre essa língua. Esse conhecimento fonológico serve de apoio para a escrita alfabética inicial. No entanto, ao se deparar com a dimensão formal da língua, o aprendiz retoma seus conhecimentos já adquiridos por meio de hipóteses sobre o que é a representação escrita e reestrutura suas representações, levando também a uma atualização dos seus próprios conhecimentos fonológicos. O esquema abaixo elaborado pela própria autora reproduz as ideias até aqui desenvolvidas:

Imagem 3 - Atuação do conhecimento fonológico no processo de aprendizagem da escrita



Fonte: Miranda, 2014, p. 53.

Assim, pode-se concluir que aprendizagem da escrita e conhecimento fonológico são uma via de mão dupla: o desenvolvimento de um acarreta o desenvolvimento de outro. À medida que o aprendiz avança no seu processo de alfabetização, cria contextos favoráveis à atualização dos seus conhecimentos sobre sua língua. Da mesma forma, o desenvolvimento de seu conhecimento fonológico permite ao aprendiz formular novas hipóteses sobre a representação escrita. Assim, o processo de alfabetização é permeado por esse círculo contínuo.

Dessa forma, diante dessas questões fundamentais brevemente expostas, três hipóteses principais norteiam a pesquisa: i) a nasal em coda medial apresentaria diversas possibilidades de representação em relação àquelas convencionalmente esperadas e ii) cada possibilidade de representação evidenciaria a atuação do conhecimento fonológico do aprendiz e iii) as diferentes representações da nasal em coda medial seriam capazes de apontar caminhos para corroborar ou não uma visão mono e/ou bifonêmica da nasalidade vocálica.

2 Metodologia

Para identificar e analisar as possibilidades de representação da nasal em coda medial, constituiu-se um *corpus* com produções escritas do 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental doadas por duas escolas municipais: uma do Rio de Janeiro e outra de Niterói. Foram denominadas como produções escritas: i) histórias criadas a partir de uma imagem; ii) escrita do nome de um objeto a partir de uma figura; iii) completação de frases com palavras faltantes; e, por fim, iv) redações elaboradas pelos alunos - quer sejam textos estruturados, quer sejam apenas frases isoladas.

Vale ressaltar que as atividades acima elencadas apresentam um caráter mais espontâneo, visto que partem da própria escrita do aprendiz, dependendo de suas próprias hipóteses/intuições sobre a representação escrita. Para a análise, foi feito um recorte de 30 (trinta) produções escritas por ano, totalizando 180 (cento e oitenta) produções, resultando em um total de 641 (seiscentos e quarenta e um) dados. Todos os dados foram extraídos após uma leitura cuidadosa de cada produção escrita do *corpus*.

Em um primeiro momento, identificaram-se quais foram as possibilidades de representação escrita da nasal em coda medial presentes no *corpus*. Posteriormente, analisaram-se os dados para verificar a atuação do conhecimento fonológico internalizado dos aprendizes – em outras palavras, quais hipóteses foram formuladas para a escrita da nasal em coda silábica, tentando relacioná-las com a discussão sobre o *status* fonológico da nasal.

3 Resultados e Discussões

No *corpus*, foram observadas 7 (sete) diferentes possibilidades de representação, além da convencional, ou seja, daquela que segue o padrão ortográfico. São elas: abrandamento, alteração na qualidade da vogal, ditongação, hiper-representação, metátese, omissão da consoante nasal e troca segmental de nasal; todas exemplificadas na tabela 1. Diante da pluralidade de hipóteses de representação, pode-se afirmar que, de fato, há dificuldade na representação dessa estrutura silábica pelos aprendizes, como já apontado por Ilha (2007) e Miranda (2009).

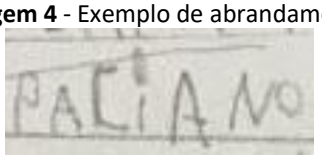
Tabela 1 - Possibilidades de representação da nasal em coda medial

Possibilidade de representação	Dado	Item lexical
Abrandamento	paciano	passeando
Alteração na qualidade da vogal	esperodo	esperando
Ditongação	aipiração	inspiração
Hiper-representação	melãsia	melancia
Metátese	nazol	anzol
Omissão da consoante nasal	apredi	aprendi
Troca segmental de nasal	esperamdo	esperando

Fonte: Elaboração própria.

Parte-se agora para análise de cada possibilidade de representação. Denominou-se **abrandamento** a assimilação da desinência de gerúndio, como visto na grafia **paciano** para o vocábulo **passeando**. Nesse caso, verifica-se o apoio do aprendiz na oralidade, visto que tal processo é um caso de variação linguística, sendo comum na fala (FERREIRA; TENANI; GON, 2014). Provavelmente, a norma vernacular a que o aprendiz está submetido legitima esse tipo de produção oral. Como aponta Mollica (2003), é comum o apoio na oralidade em fases iniciais do processo de alfabetização:

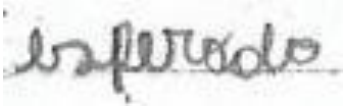
Imagem 4 - Exemplo de abrandamento



Fonte: Elaboração própria.

Apoiando-se na terminologia adotada por Miranda (2009), chamou-se **alteração na qualidade da vogal** a grafia que, além da não representação da consoante nasal, também manifestou a troca da vogal. Como exemplo, há a grafia **esperodo** para o gerúndio **esperando**. Nessa hipótese de representação, "a criança, com o intuito de representar a vogal que é foneticamente percebida como nasalizada, lança mão de outros grafemas vocálicos, para poder resolver o problema que se lhe impõe" (MIRANDA, 2009, p. 417). Assim, não se pode afirmar que o aprendiz não perceba a nasalidade, ele apenas não sabe como formalizá-la.

Imagem 5 - Exemplo de alteração da qualidade da vogal



Fonte: Elaboração própria.

Ainda sobre esse dado, pode-se também conjecturar a interferência de *inputs* referentes a que o aprendiz é capaz de escutar. Esse fator foi apontado no trabalho de Berti, Chacon e Santos (2010, p. 195), que propõem a "ancoragem das crianças em informações de natureza acústico-auditiva da fala em seu processo de aquisição da escrita." Os pesquisadores concluíram que "/e/ e /o/ apresentam padrões de excitação da cóclea[4] em regiões bem próximas à de /aN/" (p. 213). Portanto, grafias como **esperodo** estariam justificadas.

Essa hipótese de representação ainda gera uma reflexão quanto à natureza do elemento que preenche a posição de coda. A primeira sílaba desse verbo é considerada complexa, pois apresenta a posição de coda preenchida pela sibilante /s/. O aprendiz representa adequadamente tal estrutura silábica. No entanto, no momento da representação de outra sílaba complexa, mas agora travada por uma nasal, há a omissão de tal consoante.

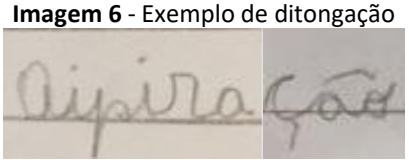
Esse fato pode contribuir para a ideia de que as nasais em coda apresentam maior dificuldade de aprendizagem na escrita do que os demais elementos que podem ocupar a posição de coda, ainda que a nasal seja a primeira a ser adquirida fonologicamente nesse contexto (MEZZOMO, 2004). Esse tipo de representação evidencia que, no que tange às nasais em coda, há um descompasso entre aquisição da oralidade e aprendizagem da escrita.

A terceira hipótese de representação citada é a **ditongação**. Nesse fenômeno, o aprendiz não marca o elemento consonântico nasal, formando um ditongo na sílaba que apresenta o contexto analisado. Esse tipo de apresentação teve apenas 1 (uma) ocorrência, relativa à palavra **inspiração**, que foi grafada como **aipiração**. Mezzomo (2004) identificou a ditongação como uma estratégia de reparo – nas palavras da autora – no processo de

[4] Cóclea ou caracol ciliado se localiza na parte interna do ouvido e é responsável por levar a mensagem ao cérebro.

aquisição da oralidade. Pode-se observar que um fenômeno presente na fala também ocorre na escrita.

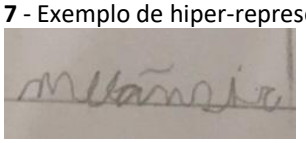
Imagem 6 - Exemplo de ditongação



Fonte: Elaboração própria.

A **hiper-representação** consiste na dupla marcação da nasalidade. Assim, além do preenchimento da coda com a consoante nasal, o aprendiz também faz uso do diacrítico marcador de nasalidade – til. Abaurre (1998) já havia identificado essa representação, chamando-a de "uso redundante do til" (p. 422). Como exemplo, há a grafia **melãnsia** para o substantivo **melancia**. Nesse caso, o aluno reconhece que a nasalidade em coda pode ser representada quer por um segmento nasal <m> ou <n> quer por um diacrítico <~>; de posse dessa informação, postula uma dupla grafia para o som nasalizado que acompanha a vogal.

Imagem 7 - Exemplo de hiper-representação

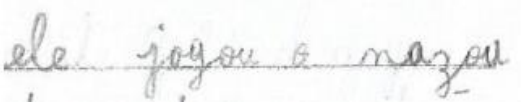


Fonte: Elaboração própria.

Ainda segundo Abaurre (1998), tal representação estaria corroborando para uma interpretação monofonêmica da nasalidade vocálica. Ao fazer uso do diacrítico, o aprendiz estaria entendendo aquela vogal como oposta à vogal oral, fazendo com que apenas a marcação da consoante não fosse suficiente. Assim, a consoante nasal seria apenas uma formalidade ortográfica, uma vez que na estrutura subjacente haveria a existência de vogais nasais, levando a sua diferenciação em relação às vogais orais pelo uso do til.

A **metátese** se configura pela alteração da ordem dos segmentos. Por exemplo, na grafia **nazou** para a palavra **anzol**, a consoante nasal que ocupava originalmente a posição de coda, passa a preencher o ataque silábico. Essa tendência já era observada no trabalho de Ilha (2007), que explica que essa estratégia adotada pela criança "torna uma estrutura silábica complexa em uma menos complexa, constituída por ataque e núcleo" (p. 15).

Imagem 8 - Exemplo de metátese

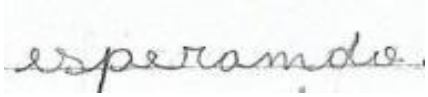


Fonte: Elaboração própria.

No *corpus*, a **troca segmental de nasal** foi o tipo de representação mais comumente encontrada. Nesse caso, o aprendiz identifica a nasalidade e a necessidade do preenchimento da coda, porém ainda não sabe como formalizá-la segundo as regras ortográficas. Segundo

Miranda (2009), são "erros ortográficos relativos à não-observância de regras contextuais" (p. 416).

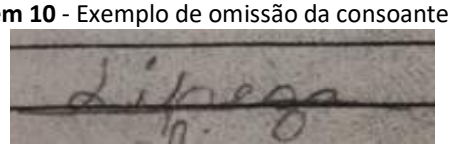
Imagem 9 - Exemplo de troca segmental de nasal



Fonte: Elaboração própria.

A **omissão da consoante nasal** é a hipótese de representação que mais se destaca nos trabalhos dessa natureza, como aponta, por exemplo, Miranda (2009). Como exemplo encontrado no presente corpus, há a grafia do substantivo limpeza sem a apresentação da consoante nasal bilabial. Sobre as mais variadas estratégias de representação, vale destacá-la na análise e interpretação das hipóteses que faz o aluno para a representação da nasal, pois abre distintos caminhos para a discussão sobre o *status* fonológico da nasalidade vocálica. Ao mesmo tempo que pode corroborar uma visão monofonêmica, também pode ser usada como justificativa para uma interpretação bifonêmica.

Imagem 10 - Exemplo de omissão da consoante nasal



Fonte: Elaboração própria.

Partindo da primeira visão mencionada, como defende Leite (1974), considera-se apenas a existência de vogais nasais na estrutura subjacente, sem o travamento dessa estrutura silábica pela consoante nasal. Se assim está configurada sua matriz fonológica, o aprendiz, ao apoiar-se em seu conhecimento fonológico internalizado, poderia representar a palavra **canto**, por exemplo, como **cato**. Ou seja, no componente fonológico, existem sete fonemas vocálicos orais e cinco nasais que, na escrita, acabam por ser representados com as consoantes <m> e <n>. A alta produtividade dessa representação e o fato de que a criança adquire primeiramente essa estrutura complexa (CVC_{nasal}) ratificam, portanto, a hipótese monofonêmica da nasalidade fonológica.

Unindo informações sobre o caráter monofonêmico da nasalidade vocálica e a aquisição das estruturas silábicas na oralidade, pode-se depreender que, de fato, a estrutura CVC_{nasal} seja simples (CV) na matriz subjacente, fazendo com que seja facilmente adquirida – já que essa nasalidade vocálica é a primeira a surgir e a ser adquirida (MEZZOMO, 2004) – e representada na escrita sem a posição de coda preenchida.

> Podemos pensar que a estrutura CVN não é interpretada pela criança como uma estrutura complexa e por esse motivo tem sua aquisição tão precoce. Seguindo esse raciocínio podemos supor também que em um primeiro momento, a tarefa da criança seria dar conta da representação gráfica da vogal que ela percebe possuir características particulares, em se considerando suas contrapartes orais, para, em um momento subsequente, após um contato mais intenso com as práticas de letramento proporcionadas pela escola, reestruturar a representação fonológica de

> uma sequência que seria CV[nasal] para uma representação bimorfêmica CVN, nos moldes de Câmara Jr. (1970). (MIRANDA, 2009, p. 416)

No entanto, ao revisitar informações sobre a aquisição fonológica das estruturas silábicas, Lamprecht (2004) identifica que a primeira estrutura silábica a ser adquirida é CV, considerada sílaba canônica. Nesse caso, a não representação da nasal em coda pode ser o resultado da simplificação de uma estrutura silábica complexa para uma mais simples, estratégia também comum na etapa de aquisição da linguagem, haja vista a pronúncia **goto** por **gosto**, **popoleta** por **borboleta**, por exemplo. Desse modo, embora a estrutura silábica complexa possa estar presente na representação subjacente do aprendiz, este percorre as mesmas etapas da aquisição da linguagem na fase inicial da alfabetização e, por isso, simplifica o padrão silábico complexo.

Além disso, a proposta de Cagliari (1997) sobre a nasal flutuante, desde uma perspectiva bifonêmica, também explica e revela uma hipótese possível de representação escrita. Se, segundo o autor, a nasal em coda medial está presente na matriz fonológica, porém sem espaço no esqueleto silábico, o aprendiz, ao apoiar-se em seu conhecimento fonológico e se deparar com essa situação, poderia não preencher a coda nasal na sua escrita inicial.

Cagliari (1997) ainda vai além e postula as duas possibilidades de saída da nasal flutuante: sua realização com mesmo ponto de articulação da consoante seguinte ou sua omissão, transferindo sua nasalidade para a vogal seguinte. Basicamente a mesma ideia postulada pelo alongamento compensatório de Bisol (1998), explicada por Collischonn (1996) como “quando um segmento é apagado por uma regra fonológica, a sua duração pode permanecer intacta e ser reassociada a outro segmento adjacente” (p. 97).

Assim, associando as ideias postuladas pela visão bifonêmica de que na estrutura profunda há dois segmentos – vogal seguida de consoante nasal –, porém que ou tal consoante está flutuante (CAGLIARI, 1997) e/ou pode ser omitida na fala, ao espraiar seu traço nasal para a vogal antecedente (BISOL, 1998), o não preenchimento da consoante na escrita estaria justificado.

Ainda no âmbito da omissão da consoante nasal, há uma hipótese de representação com apenas uma ocorrência no *corpus* do presente trabalho: o **espaço em branco**. O aprendiz escreveu **e teresante** para o adjetivo **interessante**. Nessa situação, pode-se supor que o aprendiz identifica que há algum elemento presente nessa estrutura - a nasalidade - porém não sabe como representá-lo, deixando, assim, um espaço em branco. Miranda (2009) também se deparou com dados desse tipo e fez a seguinte afirmação:

> Embora em um número reduzido (não mais que meia dúzia de casos), grafias que apresentam um espaço em branco no lugar em que convencionalmente se utiliza a consoante nasal, [...] são dados instigantes para o professor e para o pesquisador, pois indiciam a dúvida do aprendiz e nos permitem fazer conjecturas a respeito do tipo de pensamento utilizado pela criança. Ela sabe que falta algo, mas não sabe o quê. (MIRANDA, 2009, p. 417)

Imagem 11 - Representação com o espaço em branco

Fonte: Elaboração própria.

Embora sejam pouco produtivos, e as análises empreendidas sejam qualitativas e não quantitativas, dados dessa natureza reabrem o debate sobre o *status* fonológico da nasalidade vocálica, bem como revelam regularidade nos erros de escrita.

4 Conclusões

A partir de todas as questões levantadas e dos dados analisados, pode-se corroborar as hipóteses inicialmente elaboradas. Primeiramente, de fato há uma não conformidade entre a aquisição e a aprendizagem na escrita da nasal em coda medial, pois, embora seja precocemente adquirida na oralidade, apresenta variabilidade em sua representação, 7 (sete) no presente *corpus*.

Em segundo lugar, todas as possibilidades de representação são justificadas, seja pelo apoio no conhecimento internalizado do aprendiz, seja através da oralidade, incluindo suas percepções acústicas. Assim, nenhuma grafia que foge ao estabelecido pelos padrões ortográficos é aleatória, podendo, inclusive, ser identificada em outros trabalhos da mesma natureza, atestando sua recorrência. Ilha (2007) resume tal conclusão elencando três aspectos das hipóteses de representação: "(a) são similares aos da aquisição da fala [...], (b) são passíveis de serem explanados por Teorias Fonológicas, (c) e não ocorrem aleatoriamente" (p. 17).

Além disso, as hipóteses de escrita formuladas pelos aprendizes são, como discutido, grandes pistas para a reabertura da discussão sobre o *status* fonológico da nasalidade vocálica. De maneira geral e inicial, o presente trabalho justifica as representações – principalmente a omissão da consoante nasal – desde os dois pontos de vista principais: mono e bifonêmico. Vale aprofundar mais as análises e ampliar o *corpus* para se obter mais avanços nesse debate presente na Fonologia.

Portanto, um dos grandes objetivos desse trabalho é mostrar como as hipóteses de representação são estágios esperados, pois fazem parte do "período de experimentação em que as crianças expressam suas dúvidas em relação à grafia das palavras" (MIRANDA, 2009, p. 423). Além disso, tais variações na escrita são "manifestações do conhecimento que a criança possui [...] em relação a aspectos linguísticos" (MIRANDA, 2009, p. 423).

Trabalhos como este são relevantes para mostrar aos alfabetizadores que determinados desvios na escrita já são esperados e que tendem a ser superados com o avançar dos anos de aprendizagem. Mais além: os desvios na escrita não são meros erros, sem explicações ou motivações. Ao contrário: são reflexos do conhecimento que o aprendiz tem sobre sua língua. Ao mudar o olhar de puro erro, os professores podem compreender o que está por trás de cada desvio, buscando melhorar sua prática pedagógica, para que seus alunos

possam desempenhar amplamente suas funções como cidadãos dentro de uma cultura predominantemente escrita.

> Certamente, entendendo melhor a complexidade da própria escrita e todos os desafios que ela impõe a quem deseja dela se apropriar, o educador possa compreender de maneira mais adequada a escrita que as crianças produzem e, assim, valorizá-las porque podem estar denotando um grande esforço de compreensão (ZORZI, 1998, p. 108).

Referências

ABAURRE, M. B. M. Posfácio: A aquisição da escrita do português - considerações sobre diferentes perspectivas de análise. In: ROJO, R. (org). **Alfabetização e letramento**. Campinas: Mercado das Letras, p. 205-232, 1998.

BERTI, L.; CHACON, L.; SANTOS, A. A escrita de /an/ por pré-escolares: pistas acústicos-auditivas. **Cadernos de educação**, Pelotas, n. 35, p. 195-219, 2010.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BISOL, L. A nasalidade um velho tema. **D.E.L.T.A**., v. 14, p. 27-46. 1998. Disponível em: < https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/43390/28850>

CAGLIARI, L. C. **Fonologia do português**: análise pela geometria de traços. Campinas: Edição do autor, 1997.

CAMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Editora Vozes, [1953] 2015.

COLLISCHONN, G. A Sílaba em Português. In: Bisol, L. (org). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro***.* Porto Alegre: EDIPURS, 1996. p. 91-123.

FERREIRA, J. S.; TENANI, L. E.; GON, S. C. L. O morfema de gerúndio "ndo”; no Português Brasileiro: análise fonológica e sociolinguística. **Letras & Letras**, v. 28, n. 1, p. 167-188 14 nov. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25855/14214>.

ILHA, Susie Enke. Os processos fonológicos na representação escrita de estruturas silábicas complexas do português brasileiro. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem** – ReVEL. Edição especial n. 1, p. 1-19, 2007. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/2310>.

LAMPRECHT, Regina Ritter et alii. **Aquisição fonológica do português**. Perfil do desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEAL, V. **O apagamento das nasais em posição de coda silábica na escrita de alunos do 3º ano do ensino fundamental.** 2018. 145 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 22-fev.

LEITE, Yonne. **Portuguese stress and related rules**. 1974. 304 f. Tese (Doutorado, PhD). Austin: Universityof Texas.

MEZZOMO, CL. Sobre a aquisição da Coda. In: LAMPRECHT, RR et al. **Aquisição fonológica do português**: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004, p. 129-150

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. A grafia de estruturas silábicas complexas na escrita de crianças das séries iniciais . In: Sheila Z. de Pinto (org). **Formação de Educadores:** o papel do educador e sua formação. São Paulo: Unesp, 2009, p. 409-426. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/geale/files/2010/11/A-grafia-de-estruturas-sil%C3%A1bicas-complexas-na-escrita-de-crian%C3%A7as-das-s%C3%A9ries-iniciais.pdf>.

MIRANDA, A. R. A fonologia em dados de escrita inicial de crianças brasileiras. **Linguística** [online]. 2014, vol. 30, n .2, p. 45-80. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2014000200004>.

MOLLICA, Maria Cecília. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. RJ: 7 letras, 2003.

MORAES, J. A.; WETZELS, W. L. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. **Caderno de Estudos Sociolinguísticos**, Campinas, n. 23, p. 153-166, jul/dez, 1992.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a escrever**: a apropriação do sistema ortográfico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Agradecimentos

Agradeço ao grupo de pesquisa “Variação fonético-fonológica e Aquisição: reflexos na escrita”, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), orientado pela Professora Doutora Eliete Figueira Batista da Silveira pelo apoio não só acadêmico, mas também pessoal.

Agradeço também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro dado a essa pesquisa.

Como citar

SOUZA, Déborah C. P.; BATISTA DA SILVEIRA, Eliete F. Nasal em coda medial: influência do conhecimento fonológico na escrita infantil. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 43-55, jan./jun. 2020.